



Editorial

A atual crise financeira, que se segue a outras ocorridas nos últimos quinze anos e que vem se afirmando a partir da crise do capitalismo fordista industrial dos anos 1970, destaca de maneira contundente a inconsistência dos mecanismos de acumulação e distribuição de riqueza que o atual modelo do capitalismo – chamado capitalismo cognitivo – vem tentando se dar. Isto porque, dentre outras coisas, neste atual modelo, o processo de valorização perdeu todas as unidades de mensuração quantitativa ligadas à produção material e a valorização tende a ser desencadeada em diferentes formas de trabalho em que as horas de trabalho efetivamente verificadas vão coincidir cada vez mais com o tempo geral da vida. Assim, não existe mais uma fronteira nítida entre tempo de trabalho e tempo de vida, e mais, toda a vida é posta a trabalhar, numa extraordinária transformação biopolítica que vai também colocar em xeque as tradicionais medições do valor do trabalho ou da mão de obra, e junto com elas, as formas de lucro e acumulação. Uma outra característica importante deste capitalismo hoje em crise é a centralidade das finanças e do débito privado – o endividamento das famílias – como se o Estado de bem-estar social fosse delegando à economia e às finanças privadas uma forma de sustentar o crescimento econômico necessário à formação de demanda.

Esta edição da Lugar Comum reúne diversos artigos e contribuições que são ao mesmo tempo atravessadas pelo debate sobre o esgotamento do atual modelo e alimentam este debate. São textos que falam das lutas por emancipação política e igualdade econômica, lutas que se expressam cotidianamente no trabalho da multidão, através das múltiplas formas de resistência dos trabalhadores formais, informais, dos imigrantes, dos estudantes, dos universitários e dos que querem entrar na universidade, dos trabalhadores cognitivos, dos precários, com suas lutas, suas experiências e experimentações no sentido da busca de novas formas de vida e da constituição de um “comum”. Todas essas singularidades emergem, junto com os pobres – aqueles que tem tudo a construir e a inventar – como os principais agentes na construção de outros mundos possíveis.

Trata-se portanto de textos que nos fazem refletir sobre a situação social e econômica do mundo em que vivemos e que estabelecem conexões entre as lutas dos trabalhadores e a dos estudantes, entre as instituições e o espaço aberto da metrópole, entre os protegidos por salários e contratos de trabalho cada vez mais “flexíveis” e os trabalhadores informais, entre os que militam em prol de uma renda universal de cidadania e os pobres e destituídos, que apontam para a necessidade de unir os trabalhadores cognitivos às lutas dos pobres.

Acreditamos que toda crise traz junto consigo aberturas para experimentações e transformações; e também a crise financeira, a crise do capitalismo mundial, pode ser vista desta maneira. A crise é a condição de possibilidade da constituição de linhas de fuga, de êxodo, de vias “exodantes” como bem nos lembrou Antonio Negri por ocasião do Fórum Livre do Direito Autoral realizado em dezembro de 2008 no Rio de Janeiro, parceria da Escola de Comunicação da UFRJ e Rede Universidade Nômade, com patrocínio do Ministério da Cultura.

Os Editores